

# DESVENDANDO SENTIDOS À LUZ DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: ANÁLISE DE DISPERSÕES POSSÍVEIS CONTIDAS NUM MESMO ENUNCIADO

*Priscila Venâncio Costa* (UFT)

[priscilavenancio@gmail.com](mailto:priscilavenancio@gmail.com)

*Rosélia Sousa Silva* (UFT)

[roseliasousasilva09@mail.uft.edu.br](mailto:roseliasousasilva09@mail.uft.edu.br)

## RESUMO

Esta produção, valendo-se da Linguística da Enunciação, analisou dispersões possíveis contidas em enunciados do cotidiano de professores nos ambientes de trabalho e refletiu sobre os mecanismos linguísticos que produzem essas dispersões de sentidos. O *corpus* de pesquisa é composto pelas frases “A porta está aberta e Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor”, selecionadas na *internet* por meio da ferramenta de busca do *Google*. Como embasamento teórico, utilizamos os direcionamentos de Cunha, Benveniste, Normand, Faraco e Tezza, dentre outros. Percebemos, como resultados, que os textos são produtos da enunciação e suas marcas enunciativas, conjuntamente com os elementos linguísticos, ajudam-nos na tarefa de decodificá-los; concluímos que um linguista da enunciação não visualiza o enunciado como um pensamento acabado e que, em uma análise enunciativa, devemos ultrapassar a concepção de linguagem apenas como expressão do pensamento humano, vislumbrando-a no seu sentido complexo.

### Palavras-chave:

Dispersões. Sentido. Linguística da Enunciação.

## ABSTRACT

This production, using the Linguistics of Enunciation, analyzed possible dispersions contained in statements of teachers' daily lives in the work environments and reflected on the linguistic mechanisms that produce these dispersions of meanings. The research corpus consists of the phrases “The door is open and When I was a student, we respected the teacher”, selected on the internet through the Google search tool. As a theoretical basis we used the directions of Cunha, Benveniste, Normand, Faraco and Tezza, among others. We perceive, as a result, that texts are products of enunciation and their enunciative marks, together with linguistic elements, help us in the task of decoding them; we conclude that an enunciation linguist does not view the statement as a finished thought and that, in an enunciative analysis, we must go beyond the conception of language only as an expression of human thought, envisioning it in its complex sense.

### Keywords:

Dispersions. Sense. Linguistics of Enunciation.

## 1. Introdução

*“Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006 [1916], p.15)*

A infinitude de acontecimentos que ocorrem ao nosso redor é percebida e pode provocar ou não influências dependendo dos pontos de vista dos quais nos valem para interpretarmos tais acontecimentos. Esses pontos de vista, disponíveis para realização de distintas visualizações do mundo, são as diversas teorias existentes, espécies de lunetas que utilizamos para suportar as cargas de dúvidas ou de certezas, de verdades ou ilusões trazidas por cada acontecimento que nos perpassa. Como diz João de Deus Leite (2018), em suas aulas de Produção Textual e Ensino (UFT), “A Enunciação é uma das lunetas que utilizamos para ver o mundo. A olho nu, a verdade é da ordem da insuportabilidade, é preciso valer-se das teorias”.

É, portanto, valendo-se da Linguística da Enunciação (LE) que pretendemos, neste trabalho, realizar análises de dois enunciados selecionados na *internet*. Adiantamos a compreensão dessa teoria, destacando que o termo enunciação se refere ao próprio ato de converter a língua em discurso, sendo propriamente o uso da língua e, pela imensa abrangência de sentidos que a língua pode construir, a enunciação é, conseqüentemente, fugidia. Dessa forma, do ponto de vista da enunciação, um texto nunca se fecha, de modo que, a cada novo leitor que o texto tiver ou mesmo a cada nova leitura que o mesmo texto obtiver, podem surgir novas, contínuas e infinitas interpretações.

Sendo a LE uma teoria que aposta nos mecanismos linguísticos que produzem a dispersão de sentido do texto, é nessa ancoragem que nos aportamos, neste trabalho, para análise dos enunciados. Desse modo, pensamos e pesquisamos enunciados comumente produzidos no cotidiano de professores no ambiente de trabalho. Os recortes apresentados foram coletados de publicações generalizadas de redes sociais.

Os resultados obtidos possibilitaram a ampliação da nossa compreensão acerca das seguintes observações: a) os textos são, indiscutivelmente, produtos das marcas da enunciação; b) as marcas enunciativas, conjuntamente com os elementos linguísticos, ajudam-nos na tarefa de decodificar os textos; c) um linguista da enunciação não visualiza o enunciado como um pensamento acabado; e d) uma análise enunciativa

tem sempre possibilidades de ultrapassar concepções da linguagem, indo a sentidos bem mais complexos.

## 2. *Conversando com a teoria*

Segundo Cunha (1999, p. 45), a teoria da enunciação se desenvolveu bastante na França com as reflexões de Benveniste e Jakobson, a partir dos anos 50. Émile Benveniste tem, inquestionavelmente, uma posição central nos estudos enunciativos. Entretanto, seu pioneirismo não se deve exatamente a uma anterioridade temporal de desenvolvimento das pesquisas enunciativas. Em 1932, Charles Bally já havia tratado dos temas relacionados à enunciação. Outros pensadores russos como Bakhtin e Volochinov também devem ser citados como responsáveis por trabalhar no desenvolvimento de uma teoria da linguagem que antecipa questões que, somente algumas décadas depois, viriam a ser ampliadas por Benveniste.

O desenvolvimento no âmbito de pesquisas da enunciação enfatizado por Benveniste dá lugar a um campo de pesquisas vasto e ativo que estrutura uma concepção de linguagem, considerando-a, a partir de então, como processo de interação e, ainda, define a LE como uma teoria cuja característica principal assume uma perspectiva mais funcionalista, com objetivo de se opor à formalista – concepção que, segundo Cunha (1999), concebe a linguagem como conjunto de frases, cuja função é expressar o pensamento e se propõe a descrevê-las independentemente do contexto em que são usadas.

Os trabalhos de Jakobson e os de Benveniste são considerados pioneiros nesse âmbito de pesquisas sobre a linguística da enunciação, que passa a abranger correntes que se desenvolveram mundialmente ao longo dos últimos anos. Embora a linguística francesa seja considerada vanguarda nesse âmbito de pesquisa, é imprescindível mencionar o nome de Bakhtin também por ser ainda, nos dias atuais, uma relevante referência nesse campo teórico.

Em 1929, Bakhtin definiu o enunciado como objeto da linguística, incluindo aí o contexto de enunciação, e propôs uma ordem metodológica para o estudo da linguagem que consiste em considerar, conforme reafirmado por Volochinov, as seguintes premissas:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;

2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as **categorias de atos de fala na vida e na criação** ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (2009, p.124) (grifos do autor)

Outra confirmação das considerações de Bakhtin foi realizada por Jakobson, em 1963, quando demonstrou que não se pode definir uma significação geral do enunciado fora de uma referência à mensagem. Um exemplo disso é a impossibilidade de sabermos a que pessoa e lugar se referem **eu** e **aquí** num enunciado como “eu demorei chegar aqui”, caso desconheçamos esses dêiticos – um dos fenômenos linguísticos estudados no quadro da teoria da enunciação.

Além dos dêiticos, a LE tem como objeto de estudo as marcas da subjetividade do sujeito no enunciado – a modalização –, os tempos e modos verbais. Vemos, por exemplo, que os trabalhos de Benveniste (1966) sobre as relações de tempo no verbo francês conduziram à definição de dois sistemas distintos de tempos do indicativo, correspondentes a dois tipos de enunciação complementares: o discurso e a narrativa, emergindo um novo olhar e uma valorização sobre essa temática. Daí a consideração de que os tempos verbais têm também uma função importante na estruturação dos textos, pela posição que ocupam e pelas mudanças que provocam.

Nesse sentido, até mesmo – e principalmente! – aos professores de Língua Portuguesa, compreender e considerar a LE é necessário, uma vez que, os tempos verbais não podem ser estudados nas aulas de línguas sem essa correlação com os tipos de enunciação, que tanto os agregam significação, valores e sentidos distintos.

Dentre várias outras considerações trazidas pelos teóricos mobilizados, o repetível e o irrepetível (ou relações lógicas/relações dialógicas) se articulam no processo de constituição do sentido e dão lugar à intersubjetividade, compreendendo a enunciação como sendo intrinsecamente dialógica, posto que, o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro.

São diversos os reconhecimentos do carácter inspirador que emana das reflexões de Benveniste sobre a enunciação e assim realmente são em

virtude de serem concebidas a partir de um profundo diálogo, respeito e interdisciplinaridade com outras áreas, tais como antropologia, psicanálise, sociologia e, principalmente, filosofia. Está evidente, pois, que:

Benveniste libertou os linguistas presos às amarras da teoria saussuriana. Ele lhes devolveu a subjetividade, o mundo e o discurso que se faz sobre ele; Benveniste reatou com a filosofia e aproximou-se da psicologia social e da pragmática, reencontrou a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma Linguística diferente. (NORMAND, 2009, p. 197)

Nessa perspectiva, a abordagem de Normand (2009) expõe o parentesco entre Saussure e Benveniste, qualificando a linguística benvenistiana como “diferente”, dada a situação de que Benveniste atribui uma característica ímpar aos estudos da linguagem: a singularidade.

Benveniste se direciona e relaciona a LE a perspectivas linguísticas ainda não vislumbradas e produz um retorno da linguística ao estudo da língua viva, indo ao questionamento da herança saussuriana que se limita aos estudos estruturalistas da língua. Para ele, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Dessa forma, sendo a enunciação um ato individual, o locutor faz uso da palavra elegendo mecanismos próprios, produzindo uma ação que é sempre inédita e irrepetível.

### **3. *Incursão na análise***

Afinal, o que é a língua?

Para refletir sobre essa questão trazemos, de cunho preliminar, as seguintes palavras de Faraco e Tezza:

A língua é uma das realidades mais fantásticas da nossa vida. Ela está presente em todas as nossas atividades; nós vivemos entrelaçados (às vezes soterrados!) pelas palavras [...] (FARACO; TEZZA, 2011, p. 9)

Dentro desse entrelaçamento inevitável com a língua, o trabalho de análise possibilitado pela LE é uma das correntes linguísticas que buscam emergir nessa realidade fantástica de interação. Sendo assim, para realizarmos uma análise à luz da LE, levaremos em consideração os mecanismos da própria língua em sua funcionalidade, na interação.

Para o leitor ou ouvinte, o que dá significação aos enunciados é a segmentação que se faz, levando em consideração as ordens fonológicas, morfológicas, sintaxes, semânticas, pragmáticas e o discurso em si. Sendo assim, um bom texto é aquele que faz sentido através do encadeamen-

to das unidades linguísticas e gramaticais – intradiscurso (objeto de referência da LE) combinadas com a historicidade – interdiscurso (objeto de referência de uma outra teoria, a Análise do Discurso).

Desse modo, um linguista da enunciação olha para o texto afetado pelos próprios mecanismos sintáticos da língua na produção de sentido. Sempre pensando a partir da materialidade, a análise enunciativa olha para o enunciado e ancora nele a possibilidade de se produzir uma análise. Nesse sentido, o corpus de análise deste trabalho é composto pelas frases<sup>1</sup> *A porta está aberta* e *Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor*, selecionadas na internet por meio da ferramenta de busca do Google. Embora essas frases possuam um caráter mais empírico, considerando que foram coletadas em textos popularmente divulgados na internet, elas representam enunciados comumente produzidos por professores em contexto de sala de aula e foram de grande valia para observar como os mecanismos linguísticos produzem efeitos nos atos de fala.

Passemos, então, às análises enunciativas:

Primeiro Enunciado: “**A porta está aberta!**”

a) Dispersão 1

Para que o efeito de sentido não seja incompreendido, afinal, temos a ilusão necessária de que o sujeito controla o sentido e planeja os efeitos de um enunciado, no enunciado acima, uma primeira observação possível é a de que a oração simples vislumbra, logo de início, uma objetividade, uma clareza do discurso. Sendo “curta e grossa”, a oração intenciona passar a mensagem/sentido pretendido sem possibilitar incompreensões ou desvios de atenção ao aviso/ordem/convite realizado.

Em continuidade, verificamos que os elementos linguísticos do enunciado constituem uma oração simples composta por: um artigo definido feminino singular + um substantivo simples feminino singular + um verbo de ligação no modo indicativo + um adjetivo. Para esse momento, tomemos para análise os sintagmas nominais **artigo definido + substantivo** “a porta”, cujos referentes procuramos sempre no universo da enunciação, e os verificamos como referentes a uma porta determinada, espe-

---

<sup>1</sup> Considerando que o corpus utilizado nesta análise não revela a identidade e, portanto, não compromete a dignidade e integridade do sujeito produtor, não houve necessidade de submetê-la à apreciação do comitê de ética.

cífica, única de sua espécie no contexto, sendo, portanto, possível entendermos que os interlocutores possuem certeza de qual porta se refere. Dessa forma, visualizamos um enunciado desprovido de transcendência e que alcança um sentido específico para os participantes do discurso.

#### b) Dispersão 2

De acordo com Henrique (1941), comumente necessitamos juntar à escrita manifestações íntimas de nossos sentimentos. Para isso, criou-se um sinal específico a que se dá o nome de ponto de exclamação que, na escrita e na fala, pode indicar sentidos (imperativo, vocativo e exclamativo) e entonações (surpresa, grito, ordem etc.), expressando com maior ênfase o que está sendo enunciado. O ponto de exclamação também é uma marca de interação (item importante na LE) quando ocasiona um deslocamento do foco do autor para o leitor, posto que, nessa comunicação assíncrona, o ponto cria uma força de interpelação no sentido de provocar ao ouvinte/leitor uma reação ao enunciado.

Quando consideramos que o enunciado acima foi proferido por um professor no contexto de uma sala de aula com um ou mais alunos em postura indisciplinar, analisamos a utilização do **ponto de exclamação** como contundente no efeito prático dessa frase: julga-se que o professor já tenha solicitado uma mudança de comportamento do(s) aluno(s) em questão e, não havendo sucesso, profere a frase como uma **ameaça** clara, indicando uma sugestão de ação que deve ser tomada pelo(s) aluno(s) interlocutor(es).

O ponto de exclamação enfatiza o tom de ameaça no ato de fala do professor, ou seja, a dimensão ilocutiva, obtida através de uma análise discursiva, mostrando que há uma porta aberta para a saída daquele que não se enquadra no comportamento permitido/desejado para o momento. Isso é fortalecido pela relevância do ponto de exclamação quando a intenção é aumentar a entonação da voz e a compreensão do significado do enunciado. Afinal, Azeredo (2010) diz ser o ponto de exclamação um ponto que marca entonação variável para uma amplitude de sentimentos – tristeza, surpresa, espanto, alegria, entusiasmo, súplica, decepção, dor, ordem etc. – que podem ser reconstituídos graças ao contexto. Sob esse olhar, vemos no enunciado uma ordem para sair da sala.

#### c) Dispersão 3

Avançando em nosso entendimento do processo de enunciação e sua dinâmica, sua plasticidade e sua diversidade, vemos que, em outro

contexto, o mesmo enunciado poderia não designar uma ameaça. Sabendo que podemos utilizar o **verbo no modo indicativo** também para convidar, imaginamos que o enunciado seja proferido por alguém que esteja do lado de dentro de casa e, ao ouvir alguém (conhecido e esperado) bater à porta, grita “A porta está aberta!” como convite, consentimento, aviso para a entrada permitida da pessoa ao ambiente em que o locutor se encontra. A entonação, a oração curta, o artigo definido e o verbo simples de ligação auxiliam na transmissão rápida e direta da indicação de que o interlocutor pode adentrar ao local, pois a porta está aberta. Por essa ótica, vemos no enunciado uma permissão, não mais uma indicação com tom imperativo como analisamos na dispersão anterior.

d) Dispersão 4

E, ainda na análise do mesmo enunciado, é possível formalizarmos a existência de um interlocutor e de um contexto de espera imediata de reação, não sendo, portanto, um enunciado reflexivo, poético ou imaginário que possa ter os mesmos sentidos se proferido sem a presença do outro no discurso. Para que esse processo se realize, um alocutário é pressuposto, seja de forma explícita ou implícita.

Nesta perspectiva, nossa atenção se dirige, particularmente, para o aspecto do fenômeno de apropriação pelo locutor do aparelho formal da língua para enunciar sua posição de sujeito, o que confirma as pressuposições de Benveniste de que a intersubjetividade funda a subjetividade.

De uma forma muito singular, ao assumir o aparelho formal, o locutor torna a língua própria ao uso, mesmo atendendo a restrições de ordem estrutural, institui-se como sujeito no ato de enunciação. É assim que vemos os infinitos sentidos dos enunciados, afinal, a língua não fica imune aos gestos de apropriação subjetiva e, portanto, em todos os discursos, podemos reconhecer marcas dos participantes do ato enunciativo.

Vejamus que os elementos linguísticos existentes nos enunciados estão ricamente empregados para transmitir informação e, especialmente, para afirmar a presença do homem na linguagem. No caso do enunciado “A porta está aberta” a evidência trazida por cada elemento linguístico é de que há o acontecimento de um momento discursivo composto por locutor e interlocutor num contexto de ação e reação imediata.

Enunciado 2: **“Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor.”**

a) Dispersão 1

Na LE a análise tem como ponto de partida e de chegada a língua em sua materialidade. Nesta seção, iniciamos pelos elementos “quando”, “era” e “respeitava”, materialidades linguísticas classificadas como **advérbio de tempo, verbo de ligação e verbo no pretérito do indicativo**, respectivamente.

Estando os **verbos conjugados no passado** e, ainda, acompanhados de um advérbio de tempo, explicitam a informação de uma mudança de época, evidenciando que aquele tempo do acontecimento vivido pelo(s) interlocutor(es) já foi vivido pelo locutor.

Vemos que “quando” não significa necessariamente o tempo linear – delimitando datas específicas e fechadas –, mas traz uma dimensão de tempo do acontecimento, uma temporalidade subjetiva, oscilante, sem um começo, meio e fim determinante. A intenção é mais reflexiva do que exatamente cronológica, haja vista, não ficar explícito um início e um fim do tempo do locutor na situação de aluno.

Podemos inferir que “quando” pode ainda ser compreendido no tempo linguístico, maior interesse numa análise enunciativa. “O tempo do discurso nem se reduz às divisões do tempo crônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade” (BENVENISTE, 2006, p. 78). Benveniste (2006, p. 74) deixa claro que “uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua”. O tempo linguístico diz respeito ao fato de que, cada vez que o locutor enuncia, ele atualiza o acontecimento, ou seja, o discurso é reinventado a cada momento de fala. Dessa forma, “quando eu era aluno” adquire uma renovação, uma nova importância toda vez que for enunciado, independente da existência de uma possível data de calendário dada à referência.

b) Dispersão 2

Os dêiticos são os elementos fundamentais para os estudos enunciativos da linguagem que possuem a sua existência e os seus sentidos promovidos a partir de uma referência interna, ou seja, são de uma categoria que contém elementos da língua – na sua modalidade oral ou escrita – que são próprios do ato de dizer.

Em “**a gente**” visualizamos um elemento dêitico que simboliza os alunos da época em que o locutor era aluno, sendo então uma referência ao contexto discursivo de uma memória. É possível percebermos, então,

que os dêiticos só existem porque um indivíduo no mundo os assume e o faz pela necessidade que tem de se comunicar com outro indivíduo, tomando essas formas da língua, o sujeito dá-lhes vida, conquistando, simultaneamente, a possibilidade de interação com o outro e a sua realização enquanto locutor.

#### 4. *Considerações Correntes*

Ao analisarmos esses poucos tópicos discursivos, percebemos o quanto para a LE, as marcas trazidas pelos mecanismos linguísticos são objetos de grande relevância na análise e interpretação. Após essas análises, a certeza que nos vem é que ouvir ou ler um texto é muito mais do que entender o que está dito ou escrito, é conseguir, também, a partir do nosso conhecimento de mundo (repertório), perceber as intenções (enunciação) que o enunciador teve quando elaborou ou codificou seu texto.

Os enunciados aqui analisados se configuram como campo de dispersões à medida que percebemos a atuação do interdiscurso na língua. Os mecanismos linguísticos utilizados em cada texto/discurso produzido não são empregados de maneira aleatória, cada um deles integra a construção de uma ilusão de unidade necessária. Desse modo, a linearidade é constituída e a materialidade – o texto – ganha sentido e se faz campo de interpretações.

Em suma, para a LE, o sentido das palavras se estabelece pela relação entre os aspectos formais e a organização da língua para uso – intradiscurso. Nesse plano de formulação, combinado com o plano da constituição (interdiscurso), cristaliza-se a produção de sentido ao que se diz ou se escreve. Enfim, diante dessas reflexões, vimos que, para analisar um enunciado, não basta apenas conhecer as regras sintáticas, é preciso considerar as regras de uso da língua.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010. 583p.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. De Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929].

BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

CUNHA, Dóris de Arruda C. A Linguística da Enunciação e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. *Revista Geline*, n. 1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/viewFile/9276/6630>. Acesso em: out. 2020.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011[1992].

HENRIQUE, J. *Pontuação na escrita: sua história e emprego*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do R.S., 1941.

NORMAND, C. *Convite à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

Outra fonte:

*As frases mais comuns que os professores falam em sala de aula. Quem disse*. Disponível em: *As frases mais comuns que os Professores falam em sala de aula*. Acesso em out. 2020.